

Carta aberta à ministra das Finanças

São conhecidas as dificuldades da economia portuguesa. Estas dificuldades prendem-se no presente com: a recessão económica mundial; a queda inerente das exportações portuguesas; a queda inerente e mais que proporcional das receitas fiscais; a dependência de muitas empresas de compras e apoios do Estado; o corte indiscriminado nas despesas públicas; a perda nacional do controlo da política monetária e cambial, inerente à adesão ao Euro; as políticas monetárias restritivas (relutância em baixar as taxas de juro) do Banco Central Europeu (BCE), cuja única missão é a estabilidade de preços, políticas que aumentam o endividamento das empresas e que se vão acentuar para fazer face à inflação provocada pelo não cumprimento do Pacto de Estabilidade e Crescimento (PEC) por parte do eixo franco-alemão; o desemprego generalizado e crescente em Portugal.

A Sra. e o seu Governo afirmam que a política seguida de corte indiscriminado das despesas públicas é correcta, que estamos no caminho certo, que não nos vamos desviar, que cortariam nas despesas públicas, na actual conjuntura, mesmo a que a isso não fossem obrigados pelo PEC, que é uma política de longo prazo, etc. Mas Sra. Ministra, de que longo prazo está a Sra. a falar? Não nos queira todos mortos, num prazo não muito longo. Tenho alunos a baterem-me à porta para me informarem que têm de interromper os estudos, porque as empresas dos pais entraram em falência e/ou os pais foram despedidos. É que com a recessão, por muitos que as empresas sejam eficientes, os clientes, em particular o Estado, atrasam-se muito nos pagamentos. Quanto aos despedimentos resultantes, olhe que, apesar do seu colega da segurança social estar longe de querer pagar subsídios de desemprego por inteiro, ficam mais caros ao país do que aliviar um pouco a pressão sobre as empresas, em particular sobre as pequenas e médias empresas mais empregadoras.

É certo que, num prazo não muito longo, a despesa pública neste país tem de ser em grande medida substituída por despesa privada, que as empresas precisam de ser mais eficientes, etc., à imagem do modelo irlandês. Mas essa mudança requer tempo, não se faz de forma instantânea e é contraproducente na actual conjuntura. Também é certo que o Governo deve cumprir as metas a que se compromete, pois isso dá credibilidade ao Governo e confiança aos agentes económicos, em particular, aos investidores estrangeiros. Mas repare, na actual conjuntura, em que quer a procura externa quer a procura interna privada têm sofrido quebras, é errado o Estado acentuar os problemas com cortes na despesa pública. Daí que seja compreensível que a Sra. e o seu Governo perdoem ao eixo franco-alemão o não cumprimento do PEC, na conjuntura. O que já é difícil de compreender é como é que a Sra. e o seu Governo não aproveitaram a oportunidade para renegociar as metas do PEC e para garantir, tendo em conta as dificuldades da conjuntura e o desejo do país cumprir as referidas metas, o acesso de Portugal, após 2006, aos fundos estruturais que não consiga utilizar até 2006.

Sra. Ministra, o importante nesta altura é conduzir o barco através da tempestade, em vez de destruí-lo à machadada. Ao mesmo tempo, há que pensar e preparar desde já o futuro, as alterações qualitativas a fazer no perfil de especialização produtiva do país. Na conjuntura, há que ser criterioso na despesa pública, em vez de a reduzir indiscriminadamente quando não existem alternativas. Olhe que chegada a bonança, é diferente ter como ponto de partida um barco ou uma bóia. Se, e como a Sra. e o seu Governo têm afirmado tantas vezes, o anterior Governo conduziu o país à beira do abismo, por favor, não dê mais passos em frente. Será que os efeitos contracíclicos do Euro 2004 vão ser suficientes? Sra. Ministra, corrija a trajectória enquanto é tempo.

Os meus melhores cumprimentos e um desejo sincero de Boas Festas.

Leonardo Costa

Economista

Professor da Faculdade de Economia e Gestão

Universidade Católica Portuguesa

16 de Dezembro de 2003

Publicada no JN na Segunda-feira, 22 de Dezembro de 2003